

OLHAR ALÉM DO QUE SE VÊ

João Vitor França¹, Priscila da Costa e Lohanny Rezende da Silva², José Ronaldo Faleiro³

¹Acadêmico(a) do Curso de Licenciatura em Teatro - PROBIC/UDESC

² Acadêmicas do Curso de Licenciatura em Teatro – CEART

³ Orientador, Departamento de Artes Cênicas CEART – jrfalei@gmail.com

Palavras-chave: Jaques Copeau. Manifesto de 1913. Linhagem. Teatro Vivo.

A presente pesquisa traz consigo algumas premissas do levantamento de material bibliográfico referente às investigações do teatrólogo francês Jaques Copeau (1879-1949), que em outubro de 1913 funda no número 21 da rua do Vieux Colombier, em Paris (França), um teatro novo e que buscava a pesquisa e a prática teatrais baseadas nas obras-primas clássicas europeias, mas que fugissem do textocentrismo, muito difundido na França até então. Chamando-o de Théâtre du Vieux Colombier [Teatro do Velho Pombal], Copeau abre suas portas com um manifesto em mãos, descrito em seu livro *Apelos*, no qual se encontram textos coletados e estabelecidos por Marie Hélène Dasté e Suzane Maistre Saint-Denis, com notas de Claude Sicard, publicado pela editora Perspectiva em 2013. Nas atividades da presente etapa do projeto foram realizadas leituras e discussões relativas a textos escritos por Jaques Copeau durante sua trajetória, desde a fundação de seu teatro, sobretudo de seu manifesto escrito em 1913, intitulado “Uma Tentativa da Renovação Dramática: O Teatro de Vieux Colombier”. Considerando esse documento, a pesquisa investiga as críticas realizadas por Copeau sobre as condições do fazer teatral naquela época, formando paralelos entre 1913 e os tempos atuais. De fato, com base nas referências do autor em estudo, foi possível identificar a permanência de seus ensinamentos, de seus prolongamentos e de suas transformações dentro da arte dramática. Entre o que se poderia denominar “a linhagem” de Copeau, observamos nomes como Jean Dasté e Marie-Hélène Copeau-Dasté, seus discípulos diretos; Jaques Lecoq — o qual muito contribuiu para o trabalho corporal do ator —, discípulo de Jean e Marie-Hélène Dasté; e Ariane Mnouchkine, aluna de Lecoq, que veio trazer aos palcos, sobretudo como encenadora e formadora de atrizes e de atores, o resultado do que propunha Copeau. Citemos também Étienne Decroux, criador do mimo do século XX, que teve como um dos seus discípulos a Luís Otávio Burnier, o fundador do LUME (Campinas, São Paulo). Com base em seu manifesto, é de destacar a “indignação” copeliana — impulso capital para empreender a sua obra — referente ao que era proposto e realizado no teatro francês da época e que repercute na atualidade, tendências que ele apostrofava, designando-as como “cabotinismo” do ator, “industrialização” e “comercialização”, que, para ele, deveriam ser extirpadas do teatro, a fim de que este recuperasse o seu verdadeiro sentido, o seu valor. Desejoso que sua obra fosse desenvolvida, desdobrada, ao longo de gerações assim se pronunciava na ocasião: “Como ainda somos jovens, como temos consciência da finalidade e dos meios práticos para atingi-la, não hesitemos. (...) Postemo-nos (...) diante de nossa tarefa. Talvez não nós. E sim outros, acabem de construir o edifício”. Desse modo, a proposta de Jacques Copeau e de seus seguidores supõe e estimula uma poética, uma ética e uma estética que visem a dar novamente ao teatro a condição de ser uma arte revigorada, renovada, viva.